

Lucio Cardoso leitor de Nietzsche

Lucio Cardoso, a reader of Nietzsche

Lucio Cardoso, lector de Nietzsche

Nélio Borges Peres¹

Resumo: Ler é um procedimento que exige experiência e tempo livre para contemplar os sentidos e significados das palavras empregadas para mostrar a própria vida na interpretação. Lúcio Cardoso realizava suas leituras como quem se alimenta. O ato de ler, para Lúcio Cardoso, foi uma forma de realizar o trabalho de criação de si através da composição de diários. Sua atitude de escritor combinou com a do leitor e filósofo para espelhar seus escritos, dos quais muitos abertos a questões filosóficas que o atormentavam e que ele lançou na forma de paradoxos e labirintos mentais endereçando perguntas aos autores lidos, revirando-se em busca da verdade sobre o desespero humano, o corpo e a morte.

Palavras-chave: Diários. Leitura. Lúcio Cardoso.

Abstract: Reading is a procedure that requires experience and free time to contemplate the senses and meanings of the words used to show one's own life. Lúcio Cardoso carried out his readings as one does when nourishing oneself. The act of reading, for Lúcio Cardoso, was a way of carrying out the work of creating oneself. His attitude as a writer combined with that of a reader and philosopher to mirror his writings open to philosophical questions that tormented him and which he presented in the form of paradoxes and mental labyrinths, directing questions to the authors he read, turning over in search of the truth about human despair, the body and death.

Keywords: Diaries. Reading. Lúcio Cardoso.

Resumen: Leer es un procedimiento que exige experiencia y tiempo libre para contemplar los sentidos y significados de las palabras empleadas para mostrar la propia vida. Lúcio Cardoso realizaba sus lecturas como quien se alimenta. El acto de leer, para Lúcio Cardoso, fue una forma de realizar el trabajo de creación de sí mismo. Su actitud de escritor se combinó con la del lector y filósofo para reflejar sus escritos abiertos a cuestiones filosóficas que lo atormentaban y que él lanzó en forma de paradojas y laberintos mentales dirigiendo preguntas a los autores leídos, revolviéndose en busca de la verdad sobre la desesperación humana, el cuerpo y la muerte.

Palabras clave: Diarios. Lectura. Lúcio Cardoso.

¹ Mestrado em História pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Brasil(2004)
Professor Efetivo da Universidade Estadual de Goiás.

1 INTRODUÇÃO

“Não dê o que é sagrado aos cães, nem jogueis aos porcos as vossas pérolas; para que não as pisoteiem, e voltando-se, vos façam em pedaços” (Matheus 7:6).

Os diários ou autobiografias não servem para compartilharmos verdades espirituais ou ensinamentos valiosos com aqueles que não estão prontos para recebê-los, pois isso pode resultar em desprezo ou hostilidade. O autor de si mesmo precisa ter discernimento sobre como e com quem compartilhará suas crenças e valores. Mas como adivinhar seus leitores?

Eis aqui um leitor de Lúcio Cardoso (1912-1968) que já teve acesso à publicação do *Diário Completo* de 1970. Edição realizada de forma precária, pretendeu ser “melhor” do que a primeira edição de 1960, e de certa forma acabou cheia de erros que foram corrigidos por Écio Macedo Ribeiro que preparou e publicou os *Diários* em 2012 e 2013, num volume único e gigantesco, difícil de manusear. Recentemente veio a público *Todos os Diários* (2023), e neles apreendemos o máximo do príncipe esfarrapado, Lúcio Cardoso, que passa com seu corpo como fio condutor da história.

Todos os diários veio a público através da Companhia das Letras, dividido em dois volumes, bem mais fácil de empunhar, reunindo a totalidade dos diários éditos e inéditos a que Écio Macedo Ribeiro teve acesso (pode haver mais). Entre os originais encontrados destaca-se o “Diário 0”, dividido em duas partes, de nov. de 1942 a mar. de 1944 e a parte II de mar. de 1944 a nov. de 1947. O “Diário I” começa em ago. de 1949, que é quando Lúcio Cardoso assume ter se tornado escritor de diários, inclusive fazendo uso do estilo para a composição de seu romance mais famoso, *Crônica da casa assassinada*. Era o dia 14 de agosto de 1949 e o autor fazia aniversário de 37 anos. A conclusão do “Diário I” se deu em mar. de 1951. O “Diário II” não teve a mão do autor na sua organização e não há evidência sobre quem o organizou, de modo que apresenta equívocos apontados por Macedo na apresentação de *Todos os diários*. A escrita desse segundo diário abarca o período de 1951 a 1956. Embora destoadado do conjunto, o “Diário 0” traz à tona um Lúcio Cardoso que fala mais de suas leituras do que da sua vida pessoal, o que torna conveniente saber sobre suas leituras e influências que marcam sua obra. Nesses diários é possível verificar sua crítica mordaz a certos escritores e personalidades de sua

época. O “Diário 0”, por exemplo, traz informações sobre a formação e as leituras de Lúcio Cardoso, notas sobre o “homem subterrâneo” de Dostoiévski e comentários sobre a Bíblia, além de leituras sobre Nietzsche e algumas considerações sobre o papel do corpo na elaboração de pensamentos.

Neste ensaio, busco mostrar que, como leitor, Lúcio Cardoso foi um trabalhador em busca do reconhecimento de sua identidade de escritor e para isto não esperou que a dessem para ele, mas a conquistou por meio do cuidado de si, compondo-se em vida. Sua obra forma uma grande teia que inclui romances, novelas, contos, poesia e pintura, além do teatro e do cinema. Mostrarei também que um dos temas que se destacam na sua criação é o da morte, e uma das suas obsessões é com o corpo humano.

2 DESENVOLVIMENTO

A leitura, assim como a contemplação de problemas como o morrer e a morte, é uma forma de manter-se vivo. Aqui, penso a leitura como etapa para a escrita de si, uma forma de cuidado que envolve o trabalho de criação estética. Esse tipo de trabalho não é remunerado, mas criativo, e corresponde à elaboração daquilo que se busca tornar-se. Lúcio Cardoso era cristão e acreditava na contemplação ativa como parte do viver propriamente dito. Para ele, a escrita de diários tinha a ver com o desafio de superação da morte, uma forma de não morrer por completo junto com o corpo biológico. Lúcio viveu e produziu sua obra numa época de crise de paradigmas políticos e sociais no Brasil, além de ter se envolvido nos conflitos religiosos inerentes à sua orientação sexual. Penso que na busca por novos referenciais de “espírito”, ele envolveu a compreensão de que o mundo do trabalho participa do mundo da vida em sua forma de contemplação. Afinal, ele era um trabalhador que precisava de salário no final do mês para garantir o pão com manteiga e o aluguel, como qualquer pessoa neste mundo².

² Apesar de não ter tipo formação acadêmica, Lúcio Cardoso foi funcionário em revistas e jornais, trabalhou no serviço público no setor de comunicação, mas o trabalho não era um tema na sua obra, apesar dele discorrer sobre o trabalho dos outros em praticamente todas as suas criações ficcionais. “De Dostoiévski: ‘Durante toda a minha vida trabalhei por causa do dinheiro e durante toda a vida estive constantemente na necessidade; agora mais do que nunca’ [...] Ah, sei muito bem o que poderiam pensar certas pessoas, caso encontrassem essa frase solta assim nos diários. Mas não é a semelhança de situações, a identidade de sentimentos, o que nos seduz e nos aproxima desses companheiros mudos que são os autores?” (Cardoso, 2023, vol. I, p. 272).

Atento aos modos de interpretação das palavras, e para não ficar à mercê do outro que pode não saber ler e interpretar, o autor de um texto que se deseja compreender deve agir sobre si mesmo com estilo, como leitor e intérprete de si. A leitura que Lúcio fez do mundo e dos escritos de outros artistas e filósofos (como Nietzsche) não foi adquirida por osmose, ela dependeu da experiência e da maturidade do escritor porque ler não é uma prática realizada ao acaso. Quando a escrita de um autor é pensada ela reflete a interpretação, e as interpretações sobre aquilo que se escreve esvaziam a subjetividade ao separar o *eu*, o *mim* e o *em mim* durante a reescrita e a releitura derivadas da *autocrítica*, *autoleitura* e *autocomposição de si*. Nesse sentido, entendo que a leitura e a interpretação de si podem funcionar como produção de um auto-prontuário, no qual um *eu do passado* escreve para um *eu do presente* que será lido por um *eu do futuro*; sendo que este “eu” não permanece fixo como o mesmo em cada momento.

Ao refletir e escrever sobre *autoleitura*, *autocrítica* e *autocomposição*, Dalla Vecchia (2023, p. 4) mostra como Nietzsche (1844-1900) realizava exercícios de antropofagia e autofagia, que é quando o leitor lê e relê a si mesmo: “Ele digeriu, ressentiu-se e superou a si, pela leitura e, muitas vezes, *autoleitura*”. Como leitor de Nietzsche, acredito que Lúcio tenha feito o mesmo. Ao nos alimentarmos nós *selecionamos*, *incorporamos* e *rejeitamos* certas comidas. No caso, a escrita autobiográfica de Lúcio Cardoso pode ser considerada o resultado de um longo exercício de deglutição que envolve a reescrita e a releitura de si tanto quanto se sabe sobre processos alimentares e sobretudo de ruminação. Esse tipo de exercício pode funcionar como inspiração para orientar uma formação humana.

Dalla Vecchia fala sobre procedimentos técnicos com os quais *selecionamos*, *incorporamos* e *rejeitamos* conteúdos ao ler e reler aquilo que desejamos que seja lido pelos outros. Ao interpretar e reinterpretar a nossa escrita, elegemos o que queremos que seja dito e o que será silenciado. Neste sentido, Dalla Vecchia (2023, p. 4) diz que o que se espera de um leitor é que ele seja amigo do tempo enquanto estiver se nutrindo de ideias. Quando um autor diz estar presente naquilo que escreveu é porque ao escrever ele sente ter superado o vivido e podido se colocar na condição de passado, tornando-se o *fui este assim*. É desse modo que a escrita de si pode se referir ao que foi superado, o que ficou para trás.

Com coragem para enfrentar as palavras, Lúcio Cardoso dialogava com o que lia. Ele foi um dos escritores existencialistas brasileiros de meados do século XX que teve como parte do seu projeto estético a composição de diários que incluíram anotações sobre suas leituras, dentre as quais a filosofia de Nietzsche. Apesar da aparência causada pelo volume da sua produção como escritor e pintor, que denota que sua vida foi marcada pela intensidade, de um

modo que o que lhe faltava era “O repouso – ordem, serenidade, trabalho”, porque para ele isso era “quase constantemente um estado inatingível” (Cardoso, 2023, vol. I, p. 350).

Ruth Silviano Brandão (2020, p. 109) lembra que “apesar de dizer-se filósofo” em seus diários, seu pensamento foi construído em desordem, sem sistema, na forma de fragmentos e aforismos. Curiosamente, em sua obra, suas personagens não são do tipo que leem livros, suas vidas são vazias e o que elas leem enquanto vivem é apenas o mundo e a si mesmas. Nos seus diários elaborados na década de 1940, o escritor se posiciona como filósofo, ciente de que toda filosofia é “a confissão pessoal de seu autor” (Nietzsche, 1992, p. 13).

Segundo Germán Meléndez, em “Homem e estilo em Nietzsche”, para este filósofo a filosofia é o produto que emerge do mais “pessoal”, isto é, do corpo e, mais concretamente, da saúde ou da enfermidade dos seus autores³. Neste sentido a escrita de diários pode estar relacionada com a necessidade de se saber quem é “este” que deseja se tornar para além da morte física. Existe uma relação pessoal entre filosofia e corpo que indica a conexão das obras de um filósofo com seu próprio estado de saúde, enfermidade e convalescença, de forma que a filosofia é a transfiguração de um estado para outro.

Quem sou eu? Esta é uma pergunta que parece querer separar a pessoa do autor, pergunta que se faz quem sabe que deixará este mundo e precisa se compor para que os vivos saibam quem ele foi. Isso é uma questão de estilo. Em Nietzsche, a questão do estilo aponta para a particularidade de sua pessoa: o estilo é uma forma de *autoafirmação* que permite destacar-se como individualidade em um mundo de formas rígidas e comuns (estereotipadas). O filósofo não tem a liberdade de separar corpo, alma e espírito, porque o filósofo não é uma máquina registradora ou um aparelho de objetivação das coisas, mas um ser pulsante com vísceras, carne e sangue, e por isso não se deve separar espírito e corpo, portanto, autor e homem.

Ler filosofia significa transitar por pluralidades de saúdes e adoecimentos da pessoa que se torna o seu autor. No caso de Nietzsche existem variados estilos e, por isso mesmo, variadas pessoas. Com frequência Nietzsche é associado à ideia de uma multiplicidade de máscaras e que dissolvem sua identidade ao conceber a sua obra como fragmentária. Unilateralmente isto

³ Em *Ecce Homo* Nietzsche dá o testemunho sobre quem ele julgava ser: seus escritos publicados em vida testemunham quem ele foi. Sua pergunta parece querer que o leitor separe o autor da pessoa por trás da autoria dos livros. Em EH ele planeja contar a si mesmo sua vida e dá um testemunho de si para a humanidade interessada em saber quem é tal autor e o que o levou a fazer o que fez da forma que foi feito. Mas os seus contemporâneos não o viram nem ouviram. E ele teve de se garantir por si mesmo e viver do seu próprio crédito. Em *Ecce Homo* ele escreve: “Nessas circunstâncias há um dever, contra o qual se revolta, no fundo, meu hábito, e mais ainda o orgulho de meus instintos, ou seja, de dizer: *Ouçam! pois eu sou tal e tal. Não me confundam, sobretudo!*” [*Ecce Homo*, Prólogo § 1] (Meléndez, 2001).

soa como se com se excluísse a unidade da pessoa da pluralidade que exibem os estilos e os pensamentos do autor que são distribuídos em suas publicações. É como se a unilateralidade condenasse uma obra fragmentária por ela ser oferecida em pedaços aos leitores.

Neste sentido, reduzir autores como Nietzsche e Lúcio Cardoso a uma anarquia de átomos é o mesmo que obter verdades pela metade. No caso de Nietzsche, ele parece conceber sua obra e sua pessoa como sujeição do diverso à unidade (Meléndez, 2001, p. 18-19). Em Lúcio Cardoso também se enxerga que a unidade que não *é*, mas *se torna*, afinal, ele se faz, desfaz e refaz triunfando reiteradamente sobre o mais *antitético*, não só no sentido do mais dessemelhante e contrário, mas também no sentido do mais ocasional e fortuito.

Em Nietzsche, a unidade não é algo dado, mas sim, criado. Ele tenta imprimir no múltiplo a marca do uno. Para ele, a questão não é exatamente as referências que o autor faz à sua pessoa em sua escrita estabelecida e organizada para publicação, mas o fato de que cada um de seus escritos exibe um *estilo*. Numa definição de cabeceira, estilo é a forma pessoal como o autor expressa particularmente a sua visão de mundo, de modo que “o estilo é o homem”. Isto significa que todo homem tem seu próprio estilo e representa que todo homem tem uma individualidade irreduzível. Mas, para Nietzsche, a individualidade é algo que, se alguém a tiver, é porque a ganhou ou a conquistou arduamente, porque a individualidade é algo excepcional a que se chega, a que se ascende para além do que é comum, do ser comum. Em princípio, o filósofo nega quem ele é dizendo de si para si que não é o que é, mas que *tornou-se* o que é. Daí se fala da busca de si mesmo. “A evasão, a má compreensão e o ocultamente constituem a relação originária e persistente com respeito a si mesmo” (Meléndez, 2001, p. 16).

Em *Vicissitudes de uma obra: o caso do Diário de Lúcio Cardoso*, Cássia dos Santos (2008, p. 52-53) aborda a primeira publicação dos diários do escritor em 1960, e mostra que para ele era importante publicar os diários porque eles poderiam contribuir para enriquecer a literatura brasileira com “papéis íntimos”. Na ocasião, tratava-se de anotações do dia a dia de um escritor para quem “o autor brasileiro não se confessa” e por isso o seu livro “é uma confissão” sobre a vida de um escritor: “Evidentemente, como ideias fazem parte de minha vida, lá existem muitas”. Com relação à primeira edição, ele diz que “não se trata de anotações de leituras. É a minha vida – e só”⁴ (Cardoso, apud, Santos, 2008, p. 53).

Os diários com as anotações de leituras ficaram “desaparecidos” até pouco tempo, quando foram reunidos e integrados aos demais estabelecidos e organizados por Ésio Macedo

⁴ (fragmento de jornal, entrevista na coluna de Mauritônio Meira no *Caderno B* do Jornal do Brasil, 31 de maio de 1960).

Ribeiro e publicados em 2012. Vale notar que a forma diários, para Lúcio Cardoso, servia também para a composição de suas novelas e romances, afinal, ele registrava ideias e lembranças na forma de diários e cartas, e foi dessa forma que ele compôs seu romance mais famoso, a *Crônica da casa assassinada*, onde as personagens agem através da escrita de diários e cartas.

A primeira edição dos diários foi publicada em 1960, como diário íntimo, mas pela edição dos diários completos de 1970 é possível dizer que ele também escreveu diários não-íntimos. Sua produção segue certos temas e questões, como a angústia, o corpo e a morte. Na concepção de Lúcio Cardoso, a morte é sutil e devora silenciosamente as almas. Em *A caixa de jóias: os papéis de Lúcio Carodoso*, Adriana Saldanha Guimarães (2008) fala que a obra do escritor forma uma teia de romances e novelas até chegar nos Diários, onde o tema da morte aparece de forma marcante: “A sombra da morte está sempre presente. Faz parte da agonia de viver” (Guimarães, 2008, p. 12).

Mas, por que escrever diários? Segundo Guimarães, Lúcio Cardoso escrevia para não morrer, porque a finitude do corpo pode ser superada pela escrita. Para o autor, a escrita deve ser feita “com sangue, e não com o cérebro unicamente ou o caderninho de notas” e o seu diário deveria ser “criado com as vísceras, os ossos, o corpo inteiro, o desespero e a alma doente do seu autor” (Cardoso, Apud, Guimarães, 2008, p. 15).

Neste ponto, voltamos a Nietzsche, para quem não existe lugar para intermediários, intérpretes e apresentadores quando se trata de saber quem são as pessoas por detrás do nome de um autor, enfim, não há espaço para pessoas interpostas entre o autor e seus leitores. É possível conhecer os autores de ouvir falar, mas quando se quer conhecer a pessoa por detrás do nome em capas de livros é preciso ler diretamente o autor, o que significa que a leitura deve ser feita sem intermediários.

Entre os diários de Lúcio Cardoso destaco o “Diário 0” sobretudo porque ele foi preparado para ser publicado sem retoques por um editor de boa vontade. Para ele, suas anotações beiravam a selvageria, mas o surpreendente é ele ter organizado o que ele chamou de “a voz da natureza” na forma de fragmentos a serem descobertos pela posteridade. No dito diário o escritor expõe suas ideias sobre a escrita de si e outros assuntos pessoais na forma de quebra-cabeças para a construção da identidade do autor que não se separa da pessoa que o elabora. Ele escrevia para ouvir a própria voz, misturando ficção e memória, fazendo do estilo diário uma forma de romance intimista, segundo o modelo de André Gide.

Ao discutir a noção de sinceridade, Carla Damião (2015) informa que o gênero da autobiografia desloca a pretensão de ser sincero para a pretensão de ser espontâneo, sobretudo quanto à escrita de diários íntimos. A sinceridade do autor consolida a derrocada da transparência, mas a preocupação de ser sincero persiste. É então que se dá o uso estratégico da falta de sinceridade, como nos diários do escritor francês André Gide, que remetem à artificialidade da escrita, à vaidade, ao abismo entre ser e aparecer.

O insincero torna-se escravo da aparência, isto é, a insinceridade não é consciente. Mesmo sob o crivo negativo do insincero e imoral, a sinceridade não deixa de sobreviver em seu reverso como uma aspiração e dinamismo de poder tornar-se moral, em última instância (Damião, 2015, p. 19).

Leitor de Nietzsche, Lúcio Cardoso sabia que as coisas não surgem dos seus opostos, como a verdade do erro, e que é possível atribuir valor de verdadeiro ao que é falso, enganoso. “Talvez” – quem se ocuparia do perigoso “talvez”? O escritor de diários? Em se dizendo filósofo, Lúcio Cardoso aspira realmente dizer a “verdade” em seus diários? Por que não dizer a inverdade ou a incerteza? Por que a consciência e não a inconsciência? Eis o problema do valor da verdade para o escritor de diários que fez do subgênero literário uma forma de romance.

O que levou Lúcio Cardoso a escrever diários?

Creio que é simplesmente o fato de sentir que começo a viver experiências importantes [...] e que talvez um dia alguém se interesse pelo roteiro destas emoções já mortas. Para mim mesmo, para meu deleite íntimo, confesso que jamais tentaria salvar estes fragmentos do passado: aos meus olhos, não possuem nenhum interesse. E depois, tudo o que morre é porque já teve o seu tempo [...] Fora destas pálidas razões, nada vejo que possa alegar a favor da elaboração deste Diário – e, é preciso dizer, que não tenho a menor veleidade de traçar aqui um itinerário espiritual ou realizar um inventário de ideias para servir aos outros. Nada quis e nada quero: escrevo apenas porque o sol é bom e porque me sinto desamparado nesta enorme manhã de pureza e euforia (Cardoso, apud, Guimarães, 2001, p. 17).

Em *Todos os diários*, Lúcio Cardoso escreve várias vezes sobre o que leva a escrever diários. Para ele, a composição de diários aconteceu para o autor encontrar os instantes que o compuseram. A vida e a escrita são como um jogo com peças variadas e com diversas possibilidades de encaixe. Assim, o leitor de Lúcio Cardoso organiza uma história fragmentada em documentos. Ao se referir ao famoso *Diário* de Anne Frank em 1958, Lúcio Cardoso diz que ele é o “modelo de como deve ser a existência de um escritor: como um prisioneiro” (Cardoso, 2023, vol. II, p. 124). Ele escreve:

Às vezes eu me pergunto qual a vantagem de se manter um Diário destes. Para salvar o quê? Sensações? Pensamentos? E a que futuro chegarão um dia essas notas, sob que olhos tombarão, frios e desinteressados, que não arrancarão da minha frase acima, por exemplo, nada nem um pouco dessa experiência que vivi, deste sol, desta paz, deste dia, precisamente deste a que me refiro, e que ainda aqui está, com sua calma, com sua luz, que só reviverão para mim, numa outra época, num outro instante em que abrir esse caderno... Sim, jamais o verão, jamais terão dele a ciência exata que eu tenho: mas se um dia alguém achar em seu caminho um outro momento assim, saberá a que me refiro e o que quero – e entenderá a calma e o sol deste momento, porque para isto são feitos os diário[s], e o entendimento de suas sensações furtivas e precárias (Ibid. p. 129-130).

Do modo como Lúcio Cardoso interpretou a escrita de diários, a sua finalidade não era de se tornar uma pessoa melhor, ele escrevia diários para se desvendar e conhecer em si mesmo o homem a quem ele pudesse ser melhor. O escritor queria ser lido, e seus diários compunham um documento sobre sua personalidade humana, sincera e corajosa.

Em *Além do bem e do mal*, ao falar sobre “os preconceitos dos filósofos”, no § 3, Nietzsche diz que o pensamento filosófico é uma atividade instintiva, e que saber disto muda o modo de ver as coisas. No § 4, o filósofo pergunta: em que medida a falsidade de um juízo promove ou conserva a vida? E responde que os juízos mais falsos são os indispensáveis porque “precisamos” das ficções lógicas para viver, e que “renunciar aos juízos falsos equivale a renunciar à vida, negar a vida”. Assim, é preciso reconhecer que a inverdade é uma condição de vida, o que significa enfrentar os sentimentos de valor: “uma filosofia que se atreve a fazê-lo se coloca, apenas por isso, além do bem e do mal” (Nietzsche, 1992, p. 11-12).

Nietzsche diz que é preciso desconfiar dos filósofos porque eles não são suficientemente íntegros, e que em meio ao que fazem aparece o problema da veracidade. As opiniões dos filósofos não se criam de uma dialética fria e imperturbável, mas de uma tese elaborada de antemão, uma intuição, um desejo íntimo tornado abstrato e submetido a um crivo. No § 6 de *Além do bem e do mal*, Nietzsche explica que a filosofia é a “confissão pessoal de seu autor”. Neste sentido, ela é “uma espécie de memórias involuntárias e inadvertidas”. Talvez essa tenha sido a decisão de Lúcio Cardoso ao compor um diário com anotações sobre leituras de obras filosóficas. A filosofia se desenvolve a partir das intenções morais (ou imorais) dos filósofos e em um filósofo “nada é impessoal; e particularmente a sua moral dá um decidido e decisivo testemunho de quem ele é – isto é, da hierarquia (*Rangordnung*) em que se dispõem os impulsos mais íntimos da sua natureza” (Nietzsche, 1992, p. 13-14). Desse modo os filósofos “podem ser maldosos” e “puxa-sacos servis”, além maus atores pois nada neles é autêntico (Ibid., p. 14). Nietzsche associa a memória a uma pluralidade de impulsos conflitantes. Já no § 68 lemos o seguinte: “‘Eu fiz isso’, diz minha memória. ‘Eu não posso ter feito isso’, diz meu orgulho, e

permanece inflexível. Por fim – a memória cede” (Ibid. p. 68). A memória voluntária, consciência, é frequentemente rejeitada em favor de uma arte do esquecimento que permite a saúde psíquica.

Uma das ideias filosóficas de Nietzsche assimiladas por Lúcio Cardoso em sua escrita autobiográfica é a da superação de si, passando pelo esquecimento de si, no sentido de mostrar como alguém se torna aquilo que se é:

Toda ideia que nos ultrapassa sem tomar sua medida no homem, nos aniquila. Para nos ultrapassarmos, temos primeiro de atingir o limite-homem. No mais extremo limite, começamos realmente a ser mais do que homens” (Cardoso, 2023, vol. II, p. 215).

A escrita de si foi um ato produtivo autobiográfico ou autogenealógico que requereu do autor um trabalho de produção de si mesmo⁵. Trata-se da sedimentação da noção de indivíduo nas relações entre vida e obra.

Em *Corpos escritos*, Wander Melo Miranda explica que a autobiografia não se confunde com a vida de um autor, com o *corpus* empírico que forma a vida de um homem empiricamente real. O objeto da autobiografia é o nome próprio, o trabalho sobre ele e a assinatura, como num pacto autobiográfico no qual se valoriza também a leitura que é feita de outros autores (Miranda, 2009, p. 29).

Um contraponto ao termo autobiografia é a autogenealogia, que consiste na reflexão sobre a própria existência e subjetividade do autor. Para Marco Antônio Sousa Alves, a autogenealogia pode servir para o leitor entender a relação entre os pensamentos de um autor e suas experiências intelectuais (Alves, 2021). No caso de Lúcio Cardoso e seus diários, ousar falar que ele pratica a autoencenação, com suas vivências servindo para compor suas obras. Um exemplo de autogenealogia está em *Hecce Homo*, de Nietzsche, e implica uma crítica da razão da vida para contar como as experiências pessoais impactam na reflexão filosófica.

Leitor de Nietzsche, entre outros assuntos, Lúcio Cardoso a vontade de potência como vontade de poder e registrou que a *vontade de poder* “é uma vontade de se ter os pés seguramente apoiados sobre base firme [...] uma vontade de se estar inteiro dentro do mundo do sentido comum, uma vontade de segurança” (Cardoso, 2013, vol. I, p. 80). Para se sentir

⁵ Sobre este assunto ver *Ecce Homo*, de Nietzsche, para quem é difícil saber com exatidão o que é um texto empírico e um dado empírico de um texto. Cf. Wander Melo Miranda, quando fala em *hypomnemata* como citações de fragmentos de obras lidas ao longo de um processo de formação, em *Corpos escritos* (2009, p. 28).

pisando no chão o escritor se debruçou sobre si mesmo: “Eu sou um terreno planificado, oco por baixo e cheio de dinamite” (Cardoso, 2023, vol. II, p. 222).

Lúcio Cardoso registrou que Nietzsche foi um autor que o assustou como “o silêncio dos espaços infinitos”⁶. Arrisco afirmar que para ambos o corpo humano parece ser feito de coisas que vão se tornando gradualmente aquilo que é dito sobre elas. O nome próprio do autor em capas de livros, por exemplo, sua aparência física, seu peso e suas medidas habituais nas fotografias, sua reputação na mídia, são coisas vistas de determinados modos, geralmente de forma arbitrária e possivelmente equivocada. E como se tudo fosse jogado sobre as peles das pessoas como uma roupa estranha, mas que adere mediante as crenças que são incrementadas de geração em geração, os atributos dados ao corpo humano vão enraizando-se até calcinar e encravar nas coisas que definem a reputação de uma pessoa, tornando-se o próprio corpo dela.

Na interpretação que fez de Nietzsche, Lúcio diz que

A crítica de Nietzsche sobre causa e efeito coincide extensa e profundamente com minhas ideias acerca de um mundo completamente racional e determinado. Ele seria uma coisa acabada, fechada, morta, existente já para sempre, onde não existiria mesmo o movimento, onde tudo seria reduzido a uma igualdade. Não haveria um jogo de causa e efeito, ou entre causas e efeitos, mas sim uma única identidade: Causa = efeito.

Nietzsche afasta-se cada vez mais do sentido comum, chegando às últimas consequências das ideias que o sentido comum imagina admitir. Assim, torna-se cada vez mais louco (Cardoso, 2023, vol I, p. 82-83).

Olhando para Nietzsche, Lúcio Cardoso enxergou um homem vazio, desesperado espiritualmente, e se contrapôs à imagem que teve dele:

Nós, sensuais, ao contrario, desesperados pela carne, atormentados e miseráveis, sentimos ainda, embora sem consciência direta, sem consolo explícito, que cometemos um ato vivo; sentimo-nos esvaziados, cair de um estado mais vital. Nietzsche, porém, era virtuoso; enlouqueceu (Cardoso, 2023, vol. I, p. 78).

O corpo é o que há de essencial no homem. O *corpo como fio condutor* refere-se à interpretação nietzschiana de que os pensamentos têm origem fisiológica, no corpo. Em *Nietzsche e o corpo*, Barrenechea (2009) informa que no “Prólogo”, § 2, de *A gaia ciência*, Nietzsche mostra que a filosofia é “uma interpretação do corpo” e ao mesmo tempo “uma má

⁶ “A razão pura é a morte [...] A razão quando é muito razão torna-se louca, acaba por destruir os conceitos de causa e efeito. A razão total é exatamente aquilo que não existe. Foi Nietzsche quem fez a verdadeira crítica da razão pura” (Cardoso, 2023, p. 82).

compreensão do corpo”. Penso que também a história e a memória se configuram (com a filosofia) como “más compreensões da constituição física” de indivíduos, classes ou raças inteiras. Alhures, com sua personagem *Zaratustra*, Nietzsche exalta o corpo com imagens fortes: “grande razão”, “multiplicidade unânime”, “guerra e paz”, “rebanho e pastor”. Ao falar “Dos desprezadores do corpo” ele diz ser todo corpo e nada mais, sendo a alma uma palavra para um lugar no corpo. A perspectiva nietzscheana revaloriza o corpo como uma das tantas coisas terrestres. Neste sentido é preciso escutar o corpo porque ela fala o sentido da terra.

A alma ou consciência é interpretada por Lúcio Cardoso de um modo semelhante ao de Nietzsche, como uma armadilha conceitual, uma artimanha teórica que ensina o homem a renegar a terra e permanecer em uma vida fraca e doentia, com os olhos voltados para o além utópico e inatingível⁷. Um amigo de Lúcio Cardoso, Walmir Ayala, escreveu sobre a dificuldade de inadequação do organismo ao cérebro, dizendo que é

quando os sentidos filtram com maior rendimento o que o pensamento assimila, enquanto os desajustes viscerais, glandulares, sanguíneos, preparam a negação da conquista da mais absoluta vitória sobre a morte: o conhecimento (Ayala, 2020, p. 51).

O “Diário 0” mostra como Lúcio buscava o conhecimento, parecendo concordar com Nietzsche quanto ao fato de que “o homem livre deve livrar-se da dor”, o que exige a compreensão de “que seja o motivo da dor que acabe, e não que se fique insensível a ele” (Ibid. p. 79). Lúcio Cardoso se contentava ao ver os homens como “alegres animais”, tal como ele interpreta que Nietzsche via os renascentistas. Para ele, sobre os tipos fortes e fracos destacados por Nietzsche não existe diferença porque os fortes destroem ídolos para depois erguer outros no lugar e terem uma autoridade diante da qual se curvam depois. O espetáculo atraente proporcionado pelos fortes em suas ações não os torna super-homens, “são simples imoralistas, ao invés de serem amoralistas” (Ibid., p. 80).

O corpo é uma obsessão de Lúcio Cardoso em *Todos os diários*.

Estes corpos humanos, como eu os amo, tão trabalhados em fraquezas e delíquios – ah, como eu os amo, carnal, voluptuosamente, até que descubro neles a presença do cadáver. Ao sol exala um odor de tumbas abertas. Durante muito tempo procurei obter uma visão pessoal do mundo, e não consegui senão quando obtive uma visão pessoal de mim mesmo [...] em vez de limitar o mundo por ideias falsas que seriam

⁷ Em “O corpo utópico”, uma conferência de 1966, Foucault fala que “Meu corpo é o contrário de uma utopia, é o que nunca está sob outro céu, é o lugar absoluto, o pequeno fragmento de espaço com o qual, em sentido estrito, eu me corporizo”. Disponível em [O corpo utópico. Texto inédito de Michel Foucault - Instituto Humanitas Unisinos - IHU](#), acessado no dia 17 de abril de 2026.

simplesmente adotadas por mim, apenas o limitei a uma expansão do meu ser, a uma dilatação interior que me garantiu um pleno conhecimento e uma avaliação mais ou menos autêntica do existente. Porque não se cria nada vindo do exterior – a velha verdade – mas em permanente colaboração com as forças mais obscuras e mais indeterminadas que nos percorrem [...] diria que é simplesmente a impossibilidade de mentir ou de aceitar a existência fora dos seus postulados reais [...] Esta é a minha liberdade [...] é a única coisa que garante a autenticidade do que afirmo [...] Pois não há verdade exclusiva, mas várias verdades, de acordo com cada indivíduo que existe (Cardoso, 2023, vol. II, p. 200-201).

Em *Estes corpos humanos, como eu os amo*, Ruth Silviano Brandão (2008) mostra que o corpo é um tema recorrente na obra de Lúcio Cardoso. A dicotomia entre a beleza e o horror é proeminente assim como a morte e a vida. Um corpo feminino pode projetar sombra nas almas que sentem fascínio e medo diante dele. Marcado pelas ideias de pecado e redenção, o autor carregava a culpa barroca inoculada em seu corpo e sua mente pela cultura mineira com seus santos macerados pelo sacrifício, sofrimento e morte de Cristo. Para Lúcio Cardoso, diferente de Dostoiévski, a imagem do Cristo morto não era suficiente para extinguir a fé num cristão, ao contrário, para ele era motivo de fé na redenção (Brandão, 2008, p. 149-151).

Sobre a ideia nietzscheana do “super-homem” como superação do homem tal como ele foi até a era contemporânea, para o “príncipe esfarrapado” o homem se supera quando supera o pecado original. Sua visão do problema do pecado original considera o seguinte: “Experiência da vida natural, boa camaradagem, boemia, contemplação da natureza [...] compreensão de todos os homens. Até parece que a raiva é coisa que não poderei mais sentir, porque compreendo” (Cardoso, 2023, vol. I, p. 83-84). Para Lúcio, a escrita verdadeiramente grande depende da “completa saturação de si mesmo”, que é quando “Sofrimentos, experiências, descobertas, aquisições e amputações, tudo enfim o que esculpe sua mais verídica e extrema imagem, é chamado a compor o seu perfil exato” (Cardoso, 2023, vol. II, p. 222).

Com as transformações sociais ocorridas no Brasil a partir da Era Vargas, os católicos deixaram de manter uma atitude passiva diante dos dogmas e das leis, de modo que Lúcio Cardoso se tornou um contestador interessado em contribuir com críticas e sugestões sobre os ditames da Igreja que não aceitava homossexuais. Inclusive, em *Todos os diários*, há o registro de uma carta escrita a um frade e que nunca foi enviada (Cardoso, 2023, vol. I, p. 359). No contexto pós-Vargas, em abril de 1950, Lúcio Cardoso escreveu que o governo foi “feito para pequenos governados”, mostrando que se trata de um mito criado para almas sem forças para se constituir. Ele enxergava que os homens do seu tempo eram “incapazes de suportar qualquer espécie de grandeza”, tanto a que vem do bem e a do mal, pois não passavam de servidores de

uma política rasteira “feita de jogos anêmicos de funcionalismo público e travada apenas no asfalto frio do dia a dia” (Cardoso, 2023, vol. I, p. 265).

Durante a divulgação da sua obra no final da década de 1950, houve uma entrevista concedida ao escritor e crítico literário Fausto Cunha (1923-2004), que assina *O Interino*, na qual avisa ao leitor que não se lê Lúcio Cardoso desprevenido e, no caso de seus diários, sem considerar que ele diz “toda a verdade” porque “é difícil lê-lo imparcialmente [...] No entanto, o Diário aí está e é preciso conversar com Lúcio Cardoso antes de mergulhar no seu mundo” (Cardoso, 2023, vol. II, p. 191).

Lúcio Cardoso explica que a escrita de um diário como o dele significa a “afirmação da verdade” para quem se considera escritor, e que para ele,

peessoa humana e não escritor, o significado de um formidável movimento de luta e de insubmissão, contra esse elemento discordante, atroz e mesmo atentatório à grandeza de Deus que se chama a minha infância, sua permanência, pelo menos no que ela tem de mais ilegítimo e de mais poético (Ibid., p. 192).

Outra entrevista, agora ao Jornal do Brasil de 25 de novembro de 1960, que pretendia ouvir o memorialista, acabou registrando um documento humano que não pode ser interrompido:

Meu movimento de luta, aquilo que busco destruir e incendiar pela visão de uma paisagem apocalíptica e sem remissão, é Minas Gerais. Meu inimigo é Minas Gerais. O punhal que levanto, com a aprovação ou não de quem quer que seja, é contra Minas Gerais. Que me entendam bem: contra a família mineira. Contra a literatura mineira. Contra a concepção de vida mineira. Contra a fábula mineira. Contra o espírito bancário que assola Minas Gerais. Enfim, contra Minas, na sua carne e no seu espírito. Ah, mas eu a terei escrava do que surpreendi na sua imensa miséria, no seu imenso orgulho, na sua imensa hipocrisia. Mas ela me terá, se for mais forte do que eu, e dirá que eu não sou um artista, nem tenho o direito de flagelá-la, e que nunca soube entendê-la como todos esses outros – artistas! – que afaçam não o seu antagonismo, mas um dolente cantochão elaborado por homens acostumados a seguir a trilha do rebanho e do conformismo, do pudor literário e da vida parasitária. Ela me terá – se puder. Um de nós, pela graça de Deus, terá de sucumbir. Mas acordado (Ibid).

3 CONCLUSÃO

Como leitor de Nietzsche, Lúcio sabia que o filósofo pensou ocasionalmente sobre o trabalho como atividade remunerada na vida do homem e que seu pensamento deriva do corpo.

Em ambos, o trabalho é ambíguo, visto como atividade maquinal que mata a possibilidade humana de criação de si mesmo, não como poder modelador da formação do mundo, mas como sentimento de pressa e de fardo dos quais os mais espertos têm de escapar. Se o caráter do trabalho está na vontade de rendimento e se ele não tem mais nenhum fim em si mesmo, então o homem se livraria do fardo e da seriedade do trabalho para se entregar ao divertimento fácil por não ter de trabalhar o tempo todo, e sua “felicidade” seria apenas simulação, fingimento de uma liberdade imaginária. Durante o “tempo livre” o homem foge do trabalho e se entrega aos entretenimentos pelos quais consegue pagar, de modo que a sua pressa em realizar o trabalho e buscar diversão são apenas dois lados da morte em vida, que se dá através do esquecimento de si⁸.

Minha pesquisa começou com a busca pela noção de trabalho em Lúcio Cardoso antes de me desviar para a noção de corpo deste escritor, além dos temas da morte e do morrer também presentes na edição dos diários que Ézio Macedo preparou e organizou para publicação em 2012. *Todos os diários* é a reunião de textos escritos sob a forma de diários que Lúcio Cardoso compôs e publicou de forma dispersa ao longo da sua vida intelectual. Entendo que em sua composição, Lúcio Cardoso evidencia a unidade entre corpo e escrita através do trabalho como atividade praticada sobre si mesmo para “escapar” da morte. Em sua interpretação, a noção de trabalho se destaca no sentido da elaboração ou cuidado de si. Trata-se de uma forma de busca pelo ser natural que emprega o tempo de vida útil para observar a si mesmo como nuvens que se formam acima enquanto a pessoa se torna o que é, como o vento dançando com os passarinhos: “E aqui estou: tudo o que amo não me ouve mais, e passo com minha lenda, forte sem o ser, príncipe, mas esfarrapado” (Cardoso. 2023, vol. II, p. 181).

Vivemos como se a vida fosse emprego remunerado e usamos nossos corpos sem perceber que o corpo humano é um recurso natural não renovável. Penso que Lúcio Cardoso foi sobretudo um leitor e intérprete do mundo em que viveu e onde se questionou acerca do que lia e interpretava com a ajuda de certos autores. Já não busco mais a noção de trabalho em seus diários, mas me interesso pelas suas abordagens sobre o corpo humano. Leitor de Nietzsche, Lúcio Cardoso pensou o trabalho não só como fardo do qual os mais espertos devem se livrar, mas como uma forma de elaboração de si, no sentido de superação, de tornar-se outro, para além do que já se foi, o que implica observar as mortes cotidianas.

⁸ No sentido de falta de cuidado, negligência para consigo mesmo. Neste sentido, vale a pena cf. o que Nietzsche informa no §18 da Terceira Dissertação na *Genealogia da moral* (1998, p. 123-125).

A depender da interpretação ou da má-interpretação do leitor, em *Todos os diários* o trabalho se caracteriza como uma fatalidade à qual nenhuma espécie de ser vivo escapa, sendo que dela o escritor elabora a si mesmo, sem lhe interessar o uso ideológico que a esquerda e a direita fizeram do trabalho em seu tempo. Penso que, inspirado por outros escritores, o que lhe interessava sobre o trabalho era realizá-lo como atividade de criação, como expressão de si. Isto era o que o prendia completamente como escritor: o trabalho como criação de uma obra de arte, tal qual o que se faz para a elaboração de uma escultura feita a partir da pedra.

REFERÊNCIAS

ALVES, Marco Antônio Sousa. **Uma genealogia do autor**: a emergência e o funcionamento da autoria moderna. Belo Horizonte: UFMG, 2021.

AYALA, Walmir. Diários. In. RODRIGUES, Leandro Garcia. **Lúcio Cardoso 50 anos depois**. Belo Horizonte: Relicário, 2020.

BARRENECHEA, Miguel Ângelo de. **Nietzsche e o corpo**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2009.

BRANDÃO, Ruth Silviano. Estes corpos humanos, como eu os amo. In. **Revista do Centro de Estudos Portugueses**. Belo Horizonte, V. 1, n. 1, jan-jun 2008.

BRANDÃO, Ruth Silviano. Lúcio Cardoso leitor. In. RODRIGUES, Leandro Garcia. **Lúcio Cardoso 50 anos depois**. Belo Horizonte: Relicário, 2020.

CARDOSO, Lúcio. **Todos os diários**. Vol. I. Organização, estabelecimento de texto, notas, apresentação, cronologia e índice remissivo Ésio Macedo Ribeiro. São Paulo: Companhia das Letras, 2023.

CARDOSO, Lúcio. **Todos os diários**. Vol. II. Organização, estabelecimento de texto, notas, apresentação, cronologia e índice remissivo Ésio Macedo Ribeiro. São Paulo: Companhia das Letras, 2023.

DALLA VECCHIA, Ricardo Bazílio. Autoleitura, autocrítica e autocomposição: Nietzsche leitor de si. **Philosophos**. Goiânia, v. 28, n. 1, p. 1-28, jan/jun, 2023.

DAMIÃO, Carla. A reconfiguração do conceito de sinceridade em teorias pós-modernas. In. **Revista Ideação**, n. 31, jan/jun 2015.

GUIMARÃES, Adriana Saldanha. A caixa de joias: os papéis de Lúcio Cardoso. In. **Revista do Centro de Estudos Portugueses**. Belo Horizonte, V. 1, n. 1, jan-jun 2008.

MELÉNDEZ, Germán. Homem e estilo em Nietzsche. Trad. Sandro Kobol Fornazari. **Cadernos Nietzsche**, 11, 2001.

MIRANDA, Wander Melo. **Corpos escritos**: Graciliano Ramos e Silviano Santiago. São Paulo: USP, 2009.

NIETZSCHE, Friedrich. **Além do bem e do mal**: prelúdio a uma filosofia do futuro. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

SANTOS, Cássia dos. Vicissitudes de uma obra: o caso do Diário de Lúcio Cardoso. In. **Revista do Centro de Estudos Portugueses**. Belo Horizonte, V. 1, n. 1, jan-jun 2008.